



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e assista a um vídeo gravado por Rufo Chacón para o **Correio**.

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



VENEZUELA

Depois de passarem anos na prisão, serem submetidos a tortura e fugirem para o exílio, opositores de Nicolás Maduro veem com otimismo a possibilidade de mudança do regime. Jovem cego após perder os olhos em protesto fala ao **Correio**

Do horror à esperança

» RODRIGO CRAVEIRO

Rufo Chacón tinha 16 anos quando se tornou um símbolo, a contragosto. Seu nome passou a ser associado às violações dos direitos humanos cometidas pelo regime de Nicolás Maduro. O garoto perdeu os olhos depois que um policial apontou a escopeta para o rosto dele e disparou balas de chumbo. Desde agosto de 2023, mora em Múrcia (Espanha). Ex-prefeito do município de Mario Briceño Iragorry, no estado de Aragua (norte), Delson Guarate, 48, viu o irmão e o sobrinho serem assassinados para que retirasse sua candidatura. Ficou preso por dois anos no Helicoide, centro de detenção em Caracas, onde foi torturado. Hoje, vive em Atlanta (EUA). Jesus Javier Alemán, 31, esteve encarcerado por duas ocasiões. Depois de ser submetido a choques elétricos e isolamento, refugiou-se em Madri. Do exílio e distante das urnas, eles falaram ao **Correio** sobre a esperança de mudança na Venezuela após as eleições de amanhã.

"Este governo causou toda a pobreza em meu país. É culpa dele que não tenhamos gasolina, que pessoas morram nos hospitais e que existam tantos presos políticos apenas por se expressarem. Na Venezuela, você tem que se calar; caso contrário, começa uma intimidação e ameaçam sua família", revelou Chacón (leia **Três perguntas para...**).

Ele reconhece que a votação ocorrerá em clima de muita tensão. "É um governo enganador. Eles buscarão preparar armadilhas, mas há muita fé no futuro e confiança em María Corina Machado. Nosso povo tem que sair, defender o voto e apoiar a causa da liberdade", disse, por telefone, ao citar a ex-deputada opositora que avalizou o ex-diplomata Edmundo González Urrutia, 74, como o candidato da Plataforma Unitária Democrática para derrotar Maduro.

De acordo com Chacón, o governo de Maduro "destruiu" o país. "Não temos energia entre 9 e 12 horas por dia; falta água; a saúde está caótica por falta de recursos. A Venezuela se encontra em um círculo de pobreza forte. Mas a mudança se aproxima e, com ela, um tempo de prosperidade."

Tentativa de fraude

Delson Guarate acredita que todo o poder do Estado — as Forças Armadas, o Tribunal Supremo de Justiça e o Poder Eleitoral — acoberta os

Federico Parra/AFP



O candidato Edmundo González Urrutia (E) e María Corina Machado, em Caracas

preparativos para uma fraude amanhã. "O que ocorrerá na Venezuela, neste 28 de julho, com força da cidadania, detará os delinquentes que pretendem roubar as eleições. O povo sairá às ruas e defenderá cada voto em cada canto do país", avisou. Preso político no Helicoide, não pôde ter acesso a advogados. "Fui um prefeito que derrotou o candidato de Maduro. Mataram meu irmão e meu sobrinho para que eu desistisse da disputa eleitoral", desabafou.

Guarante relatou que, no Helicoide, foi colocado na solitária. "Não pude ver o sol nem a noite. Fui espancado, ameaçado de morte e privado de comida. A única coisa que eu escutava era a voz do ex-presidente Hugo Chávez no som ambiente. Falavam que matariam minha família. Foi um terror imenso."

Por sua vez, Alemán aposta que o povo venezuelano está decidido a empreender uma mudança. "Estamos cansados e dispostos a defender voto a voto. Domingo (amanhã) será um dia histórico, o mais importante do século",

afirmou. Para ele, a vantagem de Edmundo para Maduro é "abismal". "São mais de 30 pontos percentuais de diferença nas pesquisas. O governo tentará trapacear, mas a diferença é tão grande que será impossível uma vitória do regime", comentou. "Veremos o começo de uma transição."

Ao ser questionado sobre se pensa em retornar à Venezuela, caso Edmundo seja eleito, Alemán respondeu: "Todos os dias, quando me levanto, a primeira coisa que faço é, mentalmente, estar em minha amada terra". "O maior anseio que tenho é voltar à minha terra; espero que depois de domingo eu possa fazer isso." Ex-membro do movimento estudantil e do partido Voluntad Popular, ele foi submetido, na prisão, a choques elétricos e à privação de sono. "Colocavam um saco preto na minha cabeça para me asfixiar. Era jogado em um calabouço por 24 horas, com a luz acesa. Não sabia se era dia ou noite."

O advogado constitucionalista venezuelano Juan Manuel Raffalli confirmou

Arquivo pessoal



Rufo Chacón, hoje com 21 anos: "Nosso povo tem que sair e defender o voto"

Arquivo pessoal



Jesus Javier Alemán foi detido, trancado em uma cela solitária e torturado

que as pesquisas apontam uma "enorme" diferença entre González Urrutia e Maduro. "Isso coloca o presidente ante a possibilidade de fazer uma fraude massiva e ser rejeitado pelo mundo inteiro. A oposição fiscalizará o processo. A escolha mais inteligente para Maduro seria entrar em contato com o adversário e iniciar um processo de transição ordenada. Ele se manteria politicamente vivo para as eleições regionais e para tentar voltar ao poder", explicou ao **Correio**.

Fronteira fechada

A dois dias das eleições, as autoridades venezuelanas fecharam as fronteiras com o Brasil e a Colômbia. A passagem estará interrompida até as 8h de segunda-feira (9h em Brasília). A decisão foi tomada pelo Ministério da Defesa para "resguardar a inviolabilidade das fronteiras e prevenir atividades de pessoas que possam representar ameaças à segurança da República Bolivariana da Venezuela", segundo comunicado.

Três perguntas para...

RUFO CHACÓN, 21 ANOS, VÍTIMA DE DISPAROS DE ARMAS DE CHUMBINHO POR PARTE DE UM POLICIAL, EM SAN CRISTÓVAL (TÁCHIRA)

Como você se tornou vítima do regime de Nicolás Maduro?

Naquele 2 de julho de 2019, estávamos sem gás para cozinhar. Disseram nos que teríamos de ir a um local de concentração e aguardar, com botijões vazios. A polícia chegou e começou a fazer um cordão de isolamento. Eu fui o primeiro a receber um disparo no rosto. Foi uma dor imensa. Senti a face queimar. Saí correndo e levei as mãos aos olhos. Não podia enxergar. Foi quando um olho caiu em minha mão. Não pude nem chorar. Foi um momento muito forte. Colocaram-me sobre uma moto e me levaram até o hospital. Como não havia analgésico, tive que ser amarrado à maca, tamanha a dor. Então, me dei conta de que havia perdido os dois olhos. No olho esquerdo, entraram oito balas de chumbo; no direito, quatro.

Você culpa o presidente por ter lhe tomado a visão?

O governo é culpado por tudo.

Caso Maduro perca amanhã, pensa em regressar à Venezuela?

Sim, eu voltarei à Venezuela, assim que o governo cair. Muitos venezuelanos farão o mesmo. Para mim, a Venezuela é minha terra, minha raiz, minha cultura. É uma parte de mim. (RC)

Arquivo pessoal



Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

É muito mais que uma eleição

Coube ao ex-chanceler Celso Amorim, hoje assessor especial do Planalto, a missão de acompanhar in loco a eleição presidencial de amanhã na Venezuela — e, tanto mais, os imprevisíveis desdobramentos do resultado. O governo brasileiro não esconde a preocupação com o futuro de Nicolás Maduro, tido pelo presidente Lula como um aliado na estratégia de integração sul-americana. Ao fim de 25 anos de "socialismo bolivariano", a oposição aparece com chances reais de destronar o herdeiro político do patriarca Hugo Chávez.

A encruzilhada que se apresenta ao Planalto e ao Itamaraty ficou à mostra no incômodo, maldisfarçado pela embalagem de ironia, com que Maduro reagiu a declarações do colega brasileiro sobre a tensa disputa pelo Palácio Miraflores. Lula se disse "assustado" com a fala em que o candidato governista invocou o fantasma de "um banho de sangue", caso não seja reeleito. "Quem se assustou que tome um chá de camomila", respondeu o vizinho.

Ruim com ele...

Mais do que tudo, a "patada" parece

expor um crescente desconforto político diante da inflexão assumida pelo colega. Lula vinha administrando pressões internas e externas desde o ano passado, quando patrocinou um acordo entre chavistas e a oposição para garantir o processo eleitoral. Sobreveio, no começo deste ano, o veto sucessivo a candidaturas antichavistas.

Ainda nas últimas semanas, em meio a queixas da oposição, o presidente insistiu na importância de "não interferir" na política doméstica de um país vizinho. Na reta final da campanha, porém, não se furtou a oferecer — de graça — um conselho sobre o que entende como beabá da democracia: "Quem ganha, fica. Quem perde, vai embora".

...pior sem ele?

Pela perspectiva da política externa delineada para o novo mandato, Lula investiu desde a posse na reintegração da Venezuela chavista ao convívio político regional. Ainda que se conheça pouco da agenda internacional esboçada pelo favorito da oposição, Edmundo González, a trajetória do país no período chavista indica como caminho

natural de um eventual governo a aproximação com os Estados Unidos.

É a perda de uma peça estratégica para os esforços de integração sul-americana que preocupa não apenas Lula, mas também o colega colombiano. Não por acaso, Gustavo Petro colocou como prioridade, na frente diplomática, o reaquecimento de relações com a Venezuela, ao fim de um quarto de século de atritos — em especial, quando Chávez governava em Caracas e o direitista Álvaro Uribe dava as cartas em Bogotá.

Mal me quer

Se o próprio Lula se absteve de responder ao ataque de Maduro, foi diferente a reação do Tribunal Superior Eleitoral, que decidiu cancelar a missão observadora que enviaria a Caracas para acompanhar a votação e a apuração dos resultados. Assim como o Brasil, a Venezuela utiliza urnas eletrônicas, sobre as quais a oposição repetidas vezes lançou desconfianças — à maneira do que fez o bolsonarismo, por aqui.

A pressão sofrida por parte dos aliados regionais levou o presidente chavista a questionar a confiabilidade das

eleições no Brasil e na Colômbia — assim como nos EUA. Agora, com a desistência do TSE, uma eventual vitória governista terá de enfrentar contestações da oposição sem qualquer aval externo. A União Europeia, que também oferecera enviar uma missão de observação, foi desconvogada pelas autoridades de Caracas.

Quem te viu...

Para o assessor especial de Lula, o primeiro ano e meio do terceiro mandato tem marcado um curioso reencontro. Quando chefiou o Itamaraty, nos primeiros oito anos de Lula, Celso Amorim contracenou com Maduro no papel de chanceler de Hugo Chávez. Anos mais tarde, já com Dilma no Planalto e o presidente venezuelano adoecido, diplomatas brasileiros buscavam traçar o perfil do favorito à sucessão.

Participantes de tumultuosas reuniões de cúpula sul-americanas lembravam o papel de "bombeiro" desempenhado pelo então chanceler em situações nas quais Chávez se retirou antes da hora, em desacordo com a redação de alguma declaração. Invariavelmente, Maduro retornava à mesa com os colegas para costurar uma solução de consenso.

Quando, por fim, chegou sua vez de ocupar a presidência, em 2013, a incógnita para os que o tinham visto em ação

era quanto a como se comportaria o diplomata de ocasião no papel ocupado até então pelo padrinho político.

De camarote

Os desdobramentos da votação de amanhã, sejam quais forem os resultados, podem ter algum eco na disputa presidencial dos EUA, reconfigurada drasticamente pela desistência de Joe Biden. Seja com uma reeleição contestada de Maduro, seja com uma imprevisível transição no poder, é difícil imaginar um processo tranquilo.

Uma crise aguda demandará resposta de Washington, mas não apenas da Casa Branca. Biden, de seu lado, estará mais à vontade para reagir, já não mais como pretendente à reeleição. Mas terá de levar em conta as repercussões de seus atos para sua vice, Kamala Harris, herdeira da candidatura do Partido Democrata para novembro.

Quanto ao desafiante republicano, o ex-presidente Donald Trump, continuará livre para assistir de camarote e disparar sua artilharia contra os adversários, na posição de quem não tem decisões práticas a tomar e pelas quais responder. Aliás, a mesma situação confortável de quem tem se valido para falar sobre a guerra na Ucrânia e o conflito no Oriente Médio.